

Ensino “centrado no mundo empresarial”

O Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) é a única Instituição de Ensino Superior Público do Alto Minho e, por tal, determinante para o seu desenvolvimento e para a fixação de pessoas. Para conhecermos melhor a sua comunidade académica, atividades, projetos e ambições convidamos, o Professor Rui Teixeira, o seu Presidente.



Professor Rui Teixeira, o que é, hoje, o IPVC?

O IPVC é uma comunidade institucional do Ensino Superior Público, integrada no subsistema politécnico, com 30 anos de consolidação e que serve, antes de mais, as pessoas e a sociedade, com vista ao bem-estar, sobretudo no Alto Minho. Dedicamo-nos à produção e à partilha de conhecimento, à ciência, à tecnologia e à cultura. Enquanto Escola, educamos e formamos os nossos estudantes, de modo integral e por valores, desde o início da sua educação superior e ao longo das suas vidas.

Combinamos o ensino com a investigação, numa atitude pró-ativa de permanente inovação e cooperação. Temos um compromisso absoluto com o desenvolvimento da região e do país e com a mobilidade social das pessoas.

Caracterize-nos, melhor, o IPVC enquanto instituição ou comunidade institucional, como lhe chama.

Temos duas dimensões na nossa comunidade, uma mais interna e outra mais externa. A interna é constituída, à cabeça, pelos nossos alunos, que são a primeira razão da nossa existência. Nós temos, de ano para ano, entre os 4500 e os 5500 alunos e à roda de 300 lugares de professores a tempo inteiro, mas, como nem todos estão a tempo inteiro, há cerca de 400 professores que colaboram na atividade do IPVC. Temos, ainda, cerca de 180 funcionários.

A comunidade mais externa é encabeçada pelos antigos alunos, o nosso primeiro testemunho e grande braço para o mundo e são já 15 000; as famílias dos nossos alunos, que são os primeiros cooperantes e os mais interessados nos bons resultados do nosso trabalho; todos os players sociais e económi-

cos, sobretudo do Alto Minho; os responsáveis e os órgãos do poder político, como os grandes facilitadores da nossa ação e do mundo empresarial, institucional e as pessoas. Sobretudo as pessoas de Viana, de Braga e do Porto, distritos donde são oriundos a grande maioria dos nossos alunos.

Com todos temos uma política sistemática de parcerias, materializadas em dezenas de milhões de euros em projetos de desenvolvimento partilhados, o que nos permite estar sempre centrados e próximos das questões maiores dos nossos dias: o desenvolvimento e o emprego.

Mas o IPVC está organizado por Escolas?

Sim. A comunidade mais interna, organiza-se em seis Escolas Superiores: três em Viana do Castelo – Educação (ESE), Saúde (ESS) e Tecnologia e Gestão (ESTG) – a Agrária (ESA), em Ponte de Lima; Ciências Empresariais (ESCE), em Valença, e Desporto e Lazer (ESDL), em Melgaço.

A ESE está centrada na ciência e na arte de educar, enquanto entidade formadora e de investigação, e na condição da Educação no Alto Minho. Em parceria com outras das nossas escolas ocupa-se, também, das questões, do idoso e da cultura. A ESS está centrada na formação, a vários níveis, de profissionais de saúde e na condição da saúde entre nós. A ESTG é o grande alfobre das Tecnologias, Gestão, Turismo e Design. A ESA acompanha o entusiasmo e a modernidade que

se regista no setor agroalimentar, e, como escola, forma, especialmente orientada para a sustentabilidade dos territórios de baixa densidade e para a necessidade de reinventar o meio rural. É necessário acrescentar valor à generalidade dos produtos endógenos, criar nichos agrícolas que incorporem valor elevado como a agricultura biológica, floricultura e jardins, pelo vinho, pelo recurso às biotecnologias, ao ambiente, à recuperação/proteção de espécies autóctones, animais e vegetais, à gastronomia, à paisagem, ao turismo rural e ao turismo de charme, etc. Na ESDL, em Melgaço, cultiva-se o Fitness, enquanto ciência, profissão e indústria, a generalidade dos desportos clássicos e os recentes desportos natureza, muitos deles pré-olímpicos, no que é ajudada pela sua proximidade ao parque natural Peneda-Gerês e ao mar. Preparam-se, ainda, profissionais para trabalho ao ar livre e em altura. A ESDL dispõe de recursos únicos no nosso país: tem um edifício com dois anos que já ganhou dois prémios internacionais de Arquitetura e tem, ainda, ao seu dispor o extraordinário Centro de Estágios de Melgaço, que é um centro de treinos oficializado pela UEFA. Por fim, a ESCE, em Valença. A ESCE inaugurará, dentro de dias, também, a suas novas e magníficas instalações, cuja imagem faço questão de partilhar nestas páginas. A ESCE forma centrada no mundo empresarial: Contabilidade, Fiscalidade, Marketing e, com muito destaque, a Logística e Distribuição, que forma profissionais prepa-

Os politécnicos têm a cor e as causas das suas regiões.

rados para superintenderem desde os portos de mar aos aeroportos, grandes cadeias de transporte e distribuição de mercadorias, com um grau de empregabilidade e de rendimento do trabalho muito elevados. A profissão de logística deveria ser uma verdadeira opção para quem quer uma profissão com futuro, com trabalho e elevado rendimento, mas muitas das nossas famílias e dos nossos jovens ainda não entenderam a valia desta profissão, o que é uma pena.

Quais são, então, as áreas de formação mais frequentadas pelos alunos do IPVC?

A nossa oferta formativa é muito diversa e percorre a quase totalidade das áreas de formação. Em 2015/16 cerca de 28% dos nossos alunos frequentam a área da Engenharia, Indústria Transformadora e Construção; 16% a área das Ciências Sociais, Comércio e Direito; 14% a área da Educação; 10% a área da Saúde e Proteção Social; 12% a área dos Serviços; 9% a área da Agricultura; 7% as Artes e Humanidades, 4% a área das Ciências, Matemática e Informática.

É por estas áreas que se distribuem os cerca de 34 CTeSP – Cursos Técnicos Superiores Profissionalizantes – cursos novos, de dois anos e de nível superior, eminentemente práticos e que podem permitir um acesso rápido a uma profis-

são ou ao prosseguimento de estudos. Informem-se! Temos ainda 25 Licenciaturas e 40 Mestrados.

A servir esta oferta formativa temos uma dinâmica equipa de professores, na sua grande maioria jovens, empenhados e com altos níveis de qualificação (70% de doutorados e os restantes professores especialistas – profissionais de todas as áreas que, na sua atividade profissional, se evidenciaram e, por tal, foram convidados para virem ensinar às escolas).

Para o IPVC, integrar o subsistema de Ensino Superior Politécnico é uma mais-valia ou um constrangimento?

É, claramente, uma mais-valia, muito embora, esse facto, pode não ressaltar ao primeiro olhar. A opção entre Universidades ou Politécnicos, hoje, já não se faz pelo juízo de que um dos subsistemas é melhor e o outro pior. Em Portugal, e para nosso orgulho, ambos são excelentes. O que são é diferentes e representam, por isso, diferentes opções ou escolhas.

Em linguagem simples o subsistema universitário encontra a sua identidade maior na produção de conhecimento fundamental que, mais tarde, ao integrar as “novidades” que este conhecimento facultou nas nossas vidas (inovação) deverá produzir maior riqueza e bem-estar. É um subsistema mais conceptual e que prepara mais os profissionais para este tipo de missão. O subsistema politécnico organiza-se, prioritariamente, em volta de profissões, do seu exercício e do seu desenvolvimento, produzindo e transferindo conhecimento, através de processos formativos muito ligados ao exercício das profissões e ao mundo do trabalho, e que envolve os seus alunos muito precocemente na sua própria formação.

A sua grande proximidade à vida das pessoas permite a resolução de

problemas e criação de emprego. Por isso, e pela sua uniforme distribuição pelo país, assumem, como missão privilegiada o desenvolvimento das suas regiões. Vestem as suas cores e as suas causas e procuram servir as suas pessoas. É neste caminho que os Institutos Politécnicos devem encontrar, igualmente, a sua diferenciação.

Não há, por isso, como defendemos, antagonismo, mas, sim, complementaridade entre os dois subsistemas de Ensino Superior. Hoje, e cada vez mais, dão as mãos. Estão na mesma cadeia de valor. O subsistema universitário tem mais de 700 anos e o politécnico à roda de 30. A tradição, o mérito, a relevância da missão e a utilidade social do subsistema universitário, obviamente, e o facto de a grande maioria da população ativa portuguesa, com formação superior, se ter formado no subsistema universitário, tem provocado alguma distrofia no valor, socialmente percebido, entre os dois subsistemas, mas, o subsistema politécnico, pela sua missão, pelos bons resultados da sua forma de ensinar, pela sua proximidade às regiões, às empresas, às instituições, às pessoas e ao emprego, vêm a reposicionar-se, naturalmente, resistindo, mesmo, às tentativas de apoucamento ditadas por vontades políticas passageiras. Já nos próximos anos a maioria dos alunos do Ensino Superior frequentarão os Politécnicos, como acontece em muitos países altamente desenvolvidos, em nome do modelo de formação que praticam, dos seus menores custos e, até, da coesão do país.

Quais são as maiores ambições do IPVC?

Em primeiro lugar combater, de modo feroz, o muito baixo nível de qualificações, que ainda persiste, entre a população do Alto Minho e que (também) motiva e adoba o baixo nível de rendimentos disponíveis de que ainda se constrói a nossa realidade. Ambas as dimensões estão natural e profundamente ligadas. Só se aumentarmos o va-

A generalidade dos politécnicos enche todos os anos, mas isso não é notícia.



Centro de Inovação e Logística de Valença – Escola Superior de Ciências Empresariais

É muito mais caro incluir na sociedade um cidadão não qualificado do que outro que tenha uma profissão de elevado nível. Há tanta oferta de formação disponível. Porque não procura a que lhe serve?

lor acrescentado daquilo que fazemos é que podemos criar mais rendimento e combater a pobreza. Esta é uma tarefa para gerações. Temos, no entanto, de fazer a nossa parte e o trabalho tem de começar hoje. É por aí que andamos por engenho e obra dos nossos professores, funcionários e alunos, mas que passa, também, pelos diferentes agentes sociais e económicos, pelas pessoas, globalmente, que têm de encontrar maiores níveis de participação e pelos extraordinários autarcas desta região que, como facilitadores, conosco têm partilhado esta forma de construir o IPVC.

Como vê as nossas maiores ambições já não se ligam à Instituição propriamente dita – à formação dos docentes, à melhoria dos processos pedagógicos ou de investigação, aos recursos disponíveis e sempre escassos, etc. – mas, sim, estão ligadas à nossa responsabilidade social, ou, se quiser, à nossa missão que é a de servir as causas da região, servindo as suas pessoas.

Mas não há nenhuma ambição que o IPVC tenha, ainda, muito diretamente li-

gada aos seus corredores e às atividades?

Claro que há. Mas como eu tenho a responsabilidade de liderar a Instituição, tenho a obrigação de estabelecer as grandes prioridades e de as converter em grandes caminhos. Diretamente ligado à nossa atividade, espero que a Instituição continue a proporcionar aos alunos oportunidades de desenvolverem os instrumentos que lhes permitam construir uma história de vida feliz: pelo desenvolvimento do seu eu pessoal e social, pela criatividade, pela participação, pela liberdade e pelo amor ao belo; ainda, que lhes proporcione uma sólida formação técnico-científica, organizada numa profissão, e que a vivam em permanente aprendizagem; por fim, que aprendam a construir o seu próprio posto de trabalho (por conta própria ou por contra de outrem). Os nossos alunos têm de trazer, como marca de água, a obrigação ética do sonho e da vontade e atitude para o concretizar.

Mas não conseguimos fazer isto sozinhos. Daí estarmos institucionalmente possuídos pela fé nas parcerias. Precisamos de todos, do cidadão comum, dos empreendedores e do poder político. Precisamos, por exemplo, que os cidadãos interiorizem que, para a sociedade, é muito mais caro incluir um cidadão não qualificado do que outro que tenha uma profissão de elevado nível. Hoje é um dever de cidadania que cada um olhe para si próprio sob o peso de ser sua, também, a responsabilidade de promover a

sua própria formação. Peçam às instituições, incluindo ao IPVC, que se criem as oportunidades que se tenham por necessárias, dado que me é grato pensar que as oportunidades não se aproveitam, apenas, constroem-se, sobretudo.

O IPVC não tem então problemas com a procura por parte de alunos?

Ali pela segunda semana de setembro de cada ano, no dia em que se conhecem as colocações de alunos na primeira fase do Ensino Superior, a informação é unânime: os Politécnicos morreram, estão vazios por todo o país! Esta informação, como toda a informação cumpre interesses e, por isso não aprofunda as suas fontes. É quase impossível fazer passar a mensagem de que aquela é uma das fases de uma das vias, das múltiplas fases e das múltiplas vias que hoje existem para se chegar ao Ensino Superior. Nunca é notícia que a generalidade dos Politécnicos enche todos os anos lá para outubro/novembro. É o caso do IPVC que, pelo trabalho e atitude de todos, tem cursos atrativos e qualidade na formação. Por isso enchemos todos os anos colocando, logo na primeira fase, a grande maioria dos nossos alunos.

Quer deixar uma breve mensagem aos futuros alunos do IPVC?

Procurem o IPVC. Somos uma comunidade de portugueses e de muitos estrangeiros que promove, se revê e sente orgulho no sucesso dos seus alunos.